

A ESCRITA DA HISTÓRIA DE FLÁVIO JOSEFO NA *GUERRA DOS JUDEUS*: ELEMENTOS DA TRADIÇÃO JUDAICA E DA CULTURA GRECO-ROMANA

Camila Geovana Alves de Lima¹

Renato Fagundes Pereira²

Resumo

Este artigo tem como propósito analisar a obra *Guerra dos Judeus*, de autoria do historiador Flávio Josefo. Nesse sentido, concentrou-se na problematização da escrita presente nesta obra e sua relação com as diversas dimensões da prática historiográfica na Antiguidade, nos apropriando da ideia de correspondências de concepções de História na Antiguidade, de Meier (2013). Além disso, buscou-se analisar elementos de ressonância da cultura judaica e a assimilação do helenismo dentro do contexto do Império Romano. Esse cenário se revela fundamental para a compreensão das complexas interações entre cultura, poder e identidade que permeiam a narrativa histórica elaborada por Flávio Josefo.

Palavras-chave

Flávio Josefo; Judaísmo; historiografia.

¹ Mestranda em História – Universidade Estadual de Goiás, Goianésia, Brasil. E-mail: camilageovanalima@gmail.com.

² Professor Doutor – Universidade Estadual de Goiás, Goianésia, Brasil. E-mail: renatofagundes@gmail.com.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.10, n.1, 2025.1. p. 54-79

DOI: 10.34024/herodoto.2025.v10.22649

Abstract

This article aims to analyze the work *The Jewish War* by the historian Flavius Josephus. In this sense, it focuses on the problematization of the writing present in this work and its relationship with the various dimensions of historiographic practice in Antiquity, appropriating Meier's (2013) idea of correspondences of historical conceptions in Antiquity. Furthermore, it seeks to analyze elements of resonance within Jewish culture and the assimilation of Hellenism within the context of the Roman Empire. This scenario proves fundamental for understanding the complex interactions between culture, power, and identity that permeate the historical narrative crafted by Flavius Josephus.

Keywords

Flavius Josephus, Judaism, historiography.

Introdução

Para uma análise da prática historiográfica na Antiguidade é imprescindível diferenciá-la de seu exercício moderno, o qual, conforme observado por Koselleck, embora seja o resultado da evolução contínua de antigos significados da palavra, na prática, assume uma configuração distinta (2013: 119). Nas culturas antigas, a escrita da história operava com pressupostos diversos, carecendo de uma reflexão, ao que atualmente, se entende como o exercício historiográfico. Essas lacunas só se tornam evidentes a partir de uma perspectiva contemporânea, a qual foi moldada pelas influências da disciplinarização histórica e do estabelecimento de comunidades científicas que emergiram no século XIX.

Embora não se possa atribuir um conceito único de História às culturas antigas, é factível identificar o que Meier descreve como “correspondências de concepções de História na Antiguidade”. Essas correspondências, embora não constituam um paradigma definido, permitem, no mínimo, delinear um conjunto de práticas que podem ser caracterizadas como atividades de natureza historiográfica (2013: 49).

Nesse sentido, compreender o exercício da escrita da História de Flávio Josefo³ (37-100 d.C.), torna-se um objeto intelectual importante para iluminar as complexas interações entre cultura, poder e identidade que permeiam a narrativa histórica das culturas antigas e os elementos que permitem circunscrever determinadas formas de correspondências das práticas historiográficas.

Flávio Josefo foi um historiador judeu do século I d.C., advindo e criado no meio sacerdotal de Jerusalém, sendo considerado um membro da aristocracia judaica, pela descendência da real dinastia asmoneia⁴. Sua formação foi guiada pela tradição judaica da ordem dos fariseus⁵, em um período e contexto envolvido pelas influências do helenismo, com a dominação expansionista de Roma, que impactaram a vida no Oriente-Próximo.

³ Adota-se a nomenclatura portuguesa, Flávio Josefo, em detrimento do nome em latim, Flavius Josephus. Essa escolha é comum em pesquisas divulgadas em língua portuguesa.

⁴ Dinastia judaica governante da Judéia e arredores durante o período helenístico, aproximadamente entre 140 a.C. e 37 a.C. Originada após a Revolta dos Macabeus contra o domínio selêucida e a helenização forçada dos judeus.

⁵ Corrente religiosa do Judaísmo, influentes no período do Segundo Templo, surgiram em contestação a influência helenística e a secularização da sociedade judaica. Eles se distinguiam por sua adesão rigorosa à Torah e pela interpretação e aplicação da Lei Oral. *Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.10, n.1, 2025.1. p. 54-79*

Em 70 d.C., a convite do imperador Vespasiano (9-79 d.C.), Flávio Josefo mudou-se para Roma, onde permaneceu até o final de sua vida. Seu prenome bíblico, Josefo, escolhido por seu pai Matias, foi associado ao cognome *gens* Flavia, ligado ao nome da família do imperador, consagrando-o como Flavius Josephus. Conforme Hadas-Lebel, ao chegar em Roma, Josefo “encontrou uma maneira de entrar para a história: escrever a História” (1991: 252). Nos trinta anos subsequentes que viveu em Roma, Josefo dedicou-se a coletar documentos e envolver-se ativamente na escrita, produzindo extensas obras históricas, como a *Guerra dos Judeus* e *Antiguidade Judaica*, além da obra *Contra Apião*, uma apologia ao Judaísmo, e sua *Autobiografia*⁶.

Neste aspecto, a primeira obra de Flávio Josefo, *Guerra dos Judeus*, que narra a primeira guerra judaico-romana (66-73 d.C.), as revoltas judaicas e as dificuldades administrativas dos romanos, sobretudo, na província da Judéia, nos permite compreender nuances da relação entre identidade e escrita da história na Antiguidade.

A *Guerra dos Judeus* foi originalmente redigida no ano 76 em aramaico, uma língua popular e regional, após os romanos conquistarem a fortaleza de Massada⁷, com a divisão de sete livros. O historiador, ávido por se aproximar da erudição e da elite literária do Império Romano, produziu uma significativa obra intelectual, traduzindo metodicamente em grego durante o reinado de Tito (79-81 d.C.), visto que o grego era a língua da elite romana culta. A proposta era apresentá-la aos greco-romanos como uma narrativa “correta” dos acontecimentos, sobre as origens da guerra, suas calamidades e seu fim (BJ. I: 6).

Josefo, ao narrar a história da Guerra judaica, manifesta sua ambição de ser um historiador que corresponda aos modelos clássicos, evidenciando seu interesse em restabelecer uma eminência aos seus compatriotas. Apresenta um testemunho insubstituível ao se relacionar estreitamente com os assuntos de Roma, no Império de Vespasiano e Tito, que foram generais vitoriosos da Judeia. Ao acompanhar as circunstâncias da ascensão ao trono e dos procedimentos em campanha, seu percurso de vida incorpora nas faces distintas dos principais eventos e conflitos nas províncias do

⁶ Originalmente em latim: *Bellum Judaicum, Antiquitates Judaicae, Contra Apion e Vita*.

⁷ A fortaleza de Massada foi construída no ano 30 a.C. pelo rei Herodes. Em 68 d.C., os judeus zelotes conquistaram Massada, e tornara-la sua fortaleza. Os romanos sitiaram Massada e depois de construir uma enorme rampa de terra no lado oeste conseguiram alcançar a fortaleza, mas antes dos romanos entrarem, os judeus optaram por cometer suicídio para não cair nas mãos dos romanos, no ano 73 d.C.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.10, n.1, 2025.1. p. 54-79

DOI: 10.34024/herodoto.2025.v10.22649

Oriente Próximo, entre o patriotismo local e a reivindicação de uma ordem imperial, e entre a cultura nativa e a imposição da cultura greco-romana.

Busca-se, no interior destas reflexões, problematizar a obra *Guerra dos Judeus* como fonte histórica, ao estabelecer conexões de estilos da antiguidade em sua narrativa. Este artigo foi realizado por meio de um estudo bibliográfico, partindo do pressuposto que a contribuição de Flávio Josefo é imperativo não apenas para o entendimento da história judaica, mas também para a compreensão das práticas historiográficas mais amplas na Antiguidade.

As práticas historiadoras da Antiguidade: historiografia judaica e greco-romana

Conforme observado por Momigliano, “a preservação da memória do passado, a estrutura cronológica e uma interpretação dos eventos são elementos da historiografia encontrados em diversas civilizações” (2004: 54-55). Para Meier (2013), a categoria de história englobava uma variedade de representações, incluindo genealogias e crônicas locais, sem que uma delimitação clara estivesse presente. Mesmo as narrativas que, sob parâmetros contemporâneos, pode-se descrever como produção historiográfica, abrangendo aspectos geográficos e etnográficos, geralmente se concentravam na história escrita como narrativa de eventos, sendo que, predominantemente, seu conteúdo se restringia à história dos acontecimentos políticos e militares.

Hartog ressalta que nos primeiros esforços historiográficos, a ausência de parâmetros definidos era evidente. Entretanto, o imperativo de registrar eventos históricos impulsionou o surgimento das primeiras obras que podem ser caracterizadas como verdadeiras empreitadas historiográficas, nas palavras do referido historiador,

Ao longo dos séculos, tornou-se evidente para nós que a história se escrevia, que um poder, um grupo, uma sociedade, segundo modalidades e protocolos diversos, tinha o cuidado, o encargo, para não dizer, o dever de registrar sua memória e de escrever sua história (2013: 23).

Para os judeus, a história era uma fonte de compreensão de Yahweh, cuja vontade se manifestava no desenrolar dos eventos históricos. Segundo Baron (1974: 30), Yahweh “guiava os destinos da humanidade e de Israel”. Hartog, denominou esse enfoque como “história-memória”, pois os judeus usavam a narrativa histórica como uma ferramenta para combater o

esquecimento - “Zakhor, lembra-te, em hebraico, é a injunção que vem escandir a narrativa bíblica e todo o judaísmo”. (2013: 27-28)

Yerushalmi argumenta que os judeus desempenham um papel fundamental na definição do significado na história, pois sua fé israelita tem uma natureza peculiar que estabelece um significado essencial para o curso da história. Esta fé se baseia na crença de que o destino da história está intrinsecamente ligado à vontade divina e à liberdade do homem. De acordo com Yerushalmi, essa compreensão intuitiva e revolucionária de Deus foi refinada ao longo de experiências históricas profundamente vividas. Ele afirma que o encontro crucial entre o homem e o divino se deslocou do reino da natureza e do cosmos para o plano da história (Yerushalmi, 1992: 28).

Outro elemento crucial na historiografia judaica é a concepção do tempo. De acordo com Naser (2015: 44), parte significativa dos textos bíblicos atribui ao tempo um valor importante como depositário de lições na narrativa. As experiências passadas servem como lições, e o futuro é pensado em termos de salvação ou condenação com base nas ações humanas. A narrativa é construída pela conexão de significados entre o passado, o presente e o futuro. O tempo é considerado uma bússola que guia o homem nas mudanças do mundo, possibilitando a troca de experiências e informações. Dessa forma, os escritores podem influenciar os leitores por meio de exemplos do passado que se enraízam na experiência histórica.

A Diáspora do povo de Israel em diversas regiões do mundo grego resultou no desenvolvimento significativo da literatura judaica em língua grega. Essa historiografia não estava mais integrada a uma narrativa judaica, mas tornou-se parte da civilização helenística. O estudioso judeu tradicionalmente atuava como um comentador de textos sagrados e não como historiador, sendo a noção de historiador como sujeito uma influência grega. Conforme Ibáñez, durante o período helenístico, houve um desenvolvimento abundante da historiografia judaica, com autores judeus utilizando formas gregas na exposição e exaltação da história de seu povo. Eles voltaram os olhos para a historiografia grega a fim de atingir um público mais amplo (Ibáñez, 1995: 25).

Os textos judaicos refletem de maneira variada as experiências judaicas ao empregar a língua grega e se adaptar aos elementos culturais do helenismo, mas sempre mantendo características distintivas. Houve uma corporação gradual entre as tradições dos antepassados do povo judeu e as tradições helênicas, embora essa fusão tenha ocorrido de maneira não uniforme. Diferentes estratégias de transmissão foram adotadas por

diversos sujeitos, em diferentes territórios, comunidades e documentos. Em outras palavras, a maneira como o helenismo se infiltrou no Oriente não foi sistematicamente delimitada na Antiguidade, mas, sim, parte de um processo caracterizado por contrastes e retenções de perspectivas diversas.

Diferentemente dos judeus, a historiografia grega concentrou-se principalmente em questões cronológicas e na busca por estabelecer conexões entre eventos, visando compreender suas causas e consequências. A escolha dos tópicos a serem tratados era restrita, devido à preocupação com a confiabilidade das informações disponíveis. Para os historiadores gregos, a composição de seus relatos estava intrinsecamente ligada à pesquisa histórica. Seguindo a tradição dos antigos, depositavam na escrita a via para a preservação da memória das realizações humanas, impedindo que se perdessem no fluxo do tempo, pela profunda preocupação com a busca da grandeza e imortalidade, apropriando-se de uma variedade de tipos literários, como mitografia, etnografia e história local, como instrumentos para elaborar seus relatos.

A chegada da dominação romana resultou em diferenciações na abordagem da história em relação à Grécia. Para os romanos, a história representava uma continuidade, e eles valorizavam a herança do passado e a preservação de seus monumentos históricos. Já segundo Wolfgang Meier (2013: 56), em Roma, a historiografia desde o princípio concentrou-se na história de um objeto singular, buscando explicar os êxitos de Roma, legitimar sua expansão e reivindicações, bem como transmitir os exemplos dos ancestrais. A História era vista como um arsenal a ser usado para esses fins. A abordagem da história romana estava fundamentalmente ligada aos eventos, distinguindo-se apenas pelos interesses específicos que se projetavam sobre eles e pela percepção de um propósito especial na sucessão desses eventos.

A historiografia romana se destaca no âmbito político devido à centralização do conhecimento histórico nas esferas públicas, que envolvem discussões no Senado, debates políticos e campanhas militares. Ela desempenha uma função intelectual ao refletir sobre as questões levantadas pela história. Os exemplos extraídos da narrativa histórica servem como guias para a conduta cívica na vida pública. Para os romanos, a história desempenha o papel crucial ao fornecer exemplos de comportamento moral e virtudes valorizadas pela sociedade. Portanto, a história é vista como um meio de fazer julgamentos morais sobre os eventos e personagens apresentados, semelhante à tragédia, proporcionando uma narrativa dramática de profundo conteúdo moral.

Segundo Arentz (1972), os romanos atribuem significado aos acontecimentos por meio de sua grandiosidade e relevância, justificando assim sua preservação para as futuras gerações. Os romanos desenvolvem a história com a intenção de demonstrar o que a tradição e a autoridade de seus antepassados exigem de cada geração, além de revelar o que o passado acumulou para o benefício do presente.

A historiografia greco-romana estabelece uma narrativa abrangente da história humana, com o propósito de relatar eventos históricos e a natureza humana, buscando a verdade ao explicar as causas e o contexto dos acontecimentos. Essa abordagem é influenciada pela longa tradição literária dos antigos, que visava a preservação dos eventos passados para as gerações presentes e futuras. O objetivo é criar obras significativas e de grande valor ao longo do tempo.

As diversas modalidades e correspondências historiográficas na Antiguidade, premeia-se de tradições e abordagens que refletem as diferentes culturas. Desde as concepções de História nas civilizações antigas até as práticas historiográficas dos judeus, gregos e romanos, pode-se observar uma variedade de enfoques, métodos e propósitos na documentação e interpretação do passado. Flávio Josefo destaca-se como um exemplo significativo dessa diversidade, ao incorporar elementos das tradições históricas judaicas e greco-romanas em sua obra, que compreende sua identidade como judeu, ilustra a complexidade e a influência mútua das tradições historiográficas na Antiguidade.

Flávio Josefo e a escrita da História na *Guerra dos judeus*

Não nos parece exagero identificar elementos distintivos que caracterizam as diversas modalidades de escrita histórica e atividades historiográficas na Antiguidade. Diante do exposto, Flávio Josefo, como historiador judeu do século I d.C., oportuniza à compreensão de práticas historiográficas em sua obra, *A Guerra dos Judeus*, ao refletir uma fusão das tradições históricas judaicas, bem como das influências greco-romanas.

A obra de Flávio Josefo expressa uma perspectiva romana da guerra, suas ideias enfatizam uma inclinação aos Flávios e à tradição historiográfica greco-romana. No entanto, segundo Degan, “mesmo com a explícita dependência do ponto de vista romano, Josefo não vacilou quanto à sua origem judaica, que ele afirmava ser motivo de orgulho” (2010: 24-25). Como historiador vinculado ao sacerdócio judaico e à cidadania romana, busca desenvolver sua obra sobre a Guerra por meio das tradições

historiográficas dominantes em seu contexto de vida, que são judaicas, gregas e romanas.

Ao mesmo tempo, Flávio Josefo utiliza técnicas narrativas e retóricas influenciadas pelas tradições historiográficas greco-romanas, buscando uma apresentação objetiva e analítica dos eventos. Assim como outros historiadores antigos, ele busca entender os eventos políticos, militares e culturais de seu tempo, utilizando a história como um meio de transmitir lições morais e preservar a identidade cultural.

a) Prefácio: o espaço para a crítica e pretensões

A estruturação de um prefácio para anteceder uma obra é uma prática recorrente entre os escritores da antiguidade. Conforme Hartog (2013: 20) observa, essa prática consistia, em sua maioria, em fornecer orientações sobre como proceder, frequentemente denunciando os equívocos e as falsidades dos outros. Os prefácios dos historiadores gregos são exemplos claros dessa prática, pois buscam destacar a importância, a relevância e a profundidade do assunto apresentado, além de servir como espaço para refutar escritores anteriores, apontando suas mentiras e incompreensões dos fatos.

O prefácio apresentado por Josefo em sua obra revela as intenções essenciais de um clássico preâmbulo. Ele expressa a qualidade e a importância do seu relato, além da responsabilidade e rigor ao se autodefinir como um historiador confiável. Josefo enfatiza a precisão criteriosa sobre os fatos e a autenticidade dos relatos de historiadores passados e contemporâneos, apresentando um resumo concreto e detalhado de sua obra como um todo. A essência do prefácio é apresentar o trabalho e a responsabilidade de relatar os eventos da Guerra, considerada por ele como “a maior de todas as que alguma vez eclodiram entre cidades ou nações” (BJ. I: 1).

O prefácio em *Guerra dos Judeus* destaca-se como um elemento revelador pelo levante crítico à escrita historiográfica sobre a Guerra. Revela-se um caminho importante para analisar, pela perspectiva crítica do autor, as limitações que permeiam a concepção de história presente em Flávio Josefo. Ao examinar as obras relacionadas à Guerra, Josefo critica certos historiadores por suas narrativas:

Não lhe têm faltado historiadores, mas alguns, sem terem participado nos acontecimentos, reuniram histórias infundadas ou contraditórias e compilaram-nas num estilo retórico; outros, apesar de testemunhas dos acontecimentos, deturpam os fatos – por lisonja aos Romanos ou ódio aos Judeus – e nos seus escritos encontram-se investidas ou encômios, mas nenhum rigor histórico (BJ. I: 2)

Segundo Hadas-Lebel, “desde o seu término, vários relatos da guerra da Judeia haviam sido publicados. Todos haviam irritado Josefo” (1991: 238). Ele categorizou esses autores em duas classes distintas. Por um lado, Josefo critica aqueles que escreveram sem vivenciar os acontecimentos durante a Guerra, produzindo relatos carentes de fundamentação para comprovação e coerência dos fatos. Consequentemente, suas narrativas tornaram-se antagônicas devido à falta de rigor em suas pesquisas, envolvendo-se em um estilo retórico que, para Josefo, representa uma tentativa de subverter a verdade por meio de uma bela retórica.

Outros historiadores, mesmo sendo testemunhas dos acontecimentos, não foram fidedignos em suas narrativas ao inserir suas perspectivas pessoais sobre os fatos, seja pela hostilidade aos judeus ou pela intenção de enaltecer o Império Romano, ao atribuírem o gênero “histórias” às suas obras com propósitos negligentes. Para Josefo, a narrativa não pode ser conduzida com o intuito de qualificar a perspectiva própria do historiador, pois a imposição de opiniões pessoais indica um afastamento do “rigor histórico”. Essa concepção reflete o método tucidideano da história, no qual a busca pela verdade está na pesquisa rigorosa dos acontecimentos, inicialmente por meio da imparcialidade do historiador.

Josefo anuncia uma narrativa fiel às ações empreendidas tanto pelos judeus quanto pelos romanos. No entanto, ele é consciente de não conseguir ocultar em sua narrativa seus sentimentos pessoais ao refletir sobre os fatos, não se privando de lamentar as calamidades enfrentadas por seu povo e país. Compreendendo um ponto claro de sua narrativa para o alvo crítico, antecipadamente o autor busca a “indulgência para uma compaixão que é contrária às leis da história” (BJ. I: 11). Entretanto, sabendo que essa indulgência poderia não ser considerada por críticos mais rigorosos, insiste que “aprecie a história pelos fatos e condene o historiador pelas lamentações” (BJ. I: 12). Ao reivindicar a verdade histórica, Josefo tem consciência de não reivindicar objetividade, pelas suas interrupções no relato para expressar sua dor e indignação por ser testemunha dos fatos relatados. O que ele pede é que os leitores consigam separar suas lamentações dos fatos históricos, pois essas infrações à regra do gênero histórico se devem à sua tristeza.

Percebe-se que Flávio Josefo tem fundamentações na prática historiográfica, aquilo que ele chama de “leis da história”, que contempla uma narrativa séria dos acontecimentos, detendo concepções concretas de métodos, normas e influências do gênero história. Ao identificar pontos que comprometem sua narrativa por envolver suas próprias vivências da Guerra, Josefo assegura aos seus leitores que, no mínimo, apresenta uma obra digna no relato dos fatos.

Parte do prefácio, Josefo implica críticas aos eruditos gregos. Mesmo considerando-os melhores na perícia literária, os considera historiadores sem princípios, ao se concentrarem em guerras da antiguidade, que são insignificantes quando comparadas às de tempos mais momentosos. Mesmo assim, querem fazer julgamentos sobre os acontecimentos atuais e criticar aqueles que se propõem a estudá-las. Sua intenção é apontar sua crítica a certos historiadores gregos de seu tempo, que preferem escrever a história antiga em vez da contemporânea. Nas palavras do historiador, os historiadores gregos,

Adotam como temas os impérios assírio e medo, como se as narrativas dos historiadores antigos não fossem suficientemente boas. A verdade é que estes autores modernos lhes são inferiores em talento literário e capacidade de análise. Os historiadores antigos dedicaram-se empenhadamente a escrever a história da sua época, uma tarefa na qual a sua ligação aos acontecimentos acrescentava lucidez ao registro e a mendacidade desgraçava um autor junto dos leitores que conheciam os fatos (*BJ*. I: 13-14).

Para Josefo, retomar temas da antiguidade já escritos desqualifica obras primorosas desse período. A relevância de produzir uma obra reside na análise de acontecimentos passados não registrados, deixando à posteridade histórias de sua época, que se tornarão prestigiadas ao longo do tempo. A habilidade de um historiador está na utilização de materiais inéditos e na criação de sua própria estrutura, não em remoldar a obra de outrem. De acordo com Hadas-Lebel, para Josefo, essas compilações não constituem um verdadeiro trabalho histórico, pois o reconhecimento de um historiador está no “relato de acontecimentos virgens” e na composição de uma “obra histórica original” (1991: 239).

Flávio Josefo apresenta sua obra aos gregos e romanos, destacando a grande despesa e trabalho para criar um “memorial de grandes feitos”. Ele critica os gregos pela disponibilidade em produzir obras quando está em jogo o lucro pessoal ou um processo judicial. Quanto à História, que “são essenciais a verdade e uma laboriosa coleção dos fatos, são mudos, deixando a autores menores e mal-informados a tarefa de descrever os feitos de seus governantes” (*BJ*. I: 16). Essa indiferença e ignorância em

relação à verdade histórica pelos gregos são as principais críticas de Josefo, e ele toma a posição de honrá-la.

Nessas considerações, Josefo busca se distanciar da superfluidade de uma narrativa da história antiga dos judeus desde suas origens como nação até as eventualidades que passaram no contexto da história de Israel, pois são temas já bem estruturados na antiguidade. “Dado que muitos judeus antes de mim registraram corretamente a história dos nossos antepassados, e que esses registros foram traduzidos por alguns gregos para sua língua nativa sem erros significativos” (*BJ. I: 17-18*), o historiador não tem a proposta de retomar a história desenvolvida na antiguidade, mas sim estruturar e qualificar os acontecimentos do presente à posteridade sobre a Guerra entre judeus e romanos.

No prefácio, Josefo destaca a influência dos cânones clássicos na historiografia, manifestando seu interesse em criticar os relatos da Guerra por autores anteriores, na busca iminente pela verdade e uma exposição do plano geral da obra. Essa abordagem reflete uma postura típica de Tucídides, marcada pela aspiração de apresentar um relato verídico dos acontecimentos, guiado pelo rigor histórico, e pela indiferença em relação a outros autores. Além de considerar seu relato como fonte indispensável, por ser testemunha de partes importantes dos eventos do conflito e pelo seu envolvimento direto na Guerra, Josefo afirma que sua obra é o único relato que estabelece uma narrativa consciente. Ao contemplar a grandiosidade da Guerra e as inúmeras catástrofes ocorridas em Jerusalém e na comunidade judaica, Josefo busca, como historiador, engrandecer sua função, oferecendo uma narrativa sincera e dedicada a corresponder ao objeto do relato.

b) A Narrativa de Flávio Josefo: Entre Judaísmo e Influências Greco-Romanas

Flávio Josefo, como fonte histórica, apresenta uma narrativa que estabelece conexões com os estilos da antiguidade para a escrita da História. No entanto, há uma complexidade de confiabilidade devido à identidade indefinida do historiador, que elabora uma historiografia judaica flaviana, com inferências políticas e concepções da aristocracia judaica e dos romanos na figura dos Flávios. Segundo Degan, Josefo compôs uma “obra híbrida” ao se submeter, inicialmente, à literatura greco-romana ao adotar o grego como idioma para produzir sua obra. Isso reforça a incorporação da cultura helenística, e como uma retratação da Diáspora, desenvolveu

uma valorização ao judaísmo por meio dos modelos do pensamento grego (2016: 37).

Ao escrever sobre a Guerra, a primeira justificativa apontada por Josefo deve-se à sua autoridade, por escrever partes das quais foi testemunha ocular e pelo próprio envolvimento com os acontecimentos narrados. Sua própria experiência fez de Josefo um “historiador-narrador dos fatos presentes em seus escritos” (Hadas-Lebel, 1991: 172). A posição como testemunha ocular de determinados fatos que transcorreram na Guerra possibilitou a Josefo um relato mais detalhado e informações mais minuciosas, como no caso da narrativa sobre o cerco de Jerusalém presente nos livros V e VI. Nesse período, Josefo recebeu sua liberdade por Vespasiano e esteve diariamente junto a Tito na Guerra, sendo considerado o relato mais pormenorizado e de conhecimento mais abrangente que foi conservado sobre a primeira guerra judaico-romana.

Como testemunha, encontra-se em Tucídides uma compacta influência historiográfica, ao assumir a responsabilidade pelo que escrevia, por valorizar e confiar na própria visão dos fatos e em testemunhas consideradas confiáveis para redigir o relato, com o objetivo de conservar a sua obra para torná-la um título de prestígio na posteridade. Para isso, Josefo, assim como Tucídides, demonstra uma preocupação em desenvolver sua narrativa dos fatos de forma clara, a se autoconsiderar uma fonte importante por ser testemunha ocular e fazer a interpretação dos fatos com os próprios olhos.

Nas palavras de Flávio Josefo, se “não fossem os relatos das testemunhas oculares e as subseqüentes calamidades assim asseguradas, aquilo que vou contar passaria por uma fábula” (2021: 420). Embora Josefo não tenha participado de todos os acontecimentos que narra, na busca por fidelidade através dos testemunhos, entrevistou sujeitos que foram testemunhas reais dos fatos abordados para fundamentação da sua narrativa. No cerco de Massada, por exemplo, durante a matança e o suicídio coletivo, duas mulheres haviam escapado com cinco crianças, sendo estes os únicos sobreviventes. Josefo confirma que “uma delas relatou lucidamente o discurso de Eleazar e como tudo se passava seguidamente” (2021: 469).

Dentre as fontes utilizadas, as anotações pessoais de Josefo compõem a base do relato da Guerra. Foi durante o cerco de Jerusalém que recolheu no acampamento romano informações pelos testemunhos de sobreviventes e dissidentes judeus. Josefo, além de utilizar fortemente a tradição oral e suas memórias como testemunha dos acontecimentos, apresenta uma preocupação em preservar a memória da nação judaica. Essa característica permite reconhecer uma linha de influência grega em

relatar fatos através da memória, com o objetivo de não perder os acontecimentos pelo esquecimento. Antes de iniciar o confronto contra os romanos, Josefo exclama: “Perdidas que estão todas as esperanças de salvação, é altura de iniciar o combate. É maravilhoso sacrificarmos a vida pela fama e por feitos de glória para deixarmos a nossa memória à posteridade” (BJ. III: 204-205).

Na antiguidade, a memória servia continuamente como suporte social para orientar sujeitos coletivos, apresentando informações do passado ao presente. Segundo Degan, “a constituição da memória se dá no presente que incentiva, provoca e prescreve sua rememoração, oferecendo as condições necessárias para a formação de um campo fértil para a memória florescer” (2010: 297). O exercício da escrita de Josefo constitui-se em lembranças de lugares naturais e a organização urbana que foram destruídos no conflito, a prática de lembrar os eventos passados e os lugares destruídos inicia a narrativa de Flávio Josefo, por refazer o passado, o presente e o futuro, “numa complexa reflexão que mobilizou um grande trabalho intelectual e sentimental, distante da fria repetição e retificação do passado” (DEGAN, 2010: 299).

A memória é uma característica importante da tendência educacional e nos atos de recordação realizados pelos judeus. Pela concepção de que a lembrança do passado possibilita lições que precisam ser ensinadas, tendo em vista o presente e o futuro. De acordo com Degan, a obra de Josefo se estrutura na tradição judaica, destinada ao ensino para “influenciar o presente”, e a recordação do passado simboliza uma “ação religiosa” (2010: 307).

Para Hadas-Lebel, a história da Guerra foi provavelmente uma obra encomendada. Pelo perigo de recomeçar uma nova revolta armada por parte dos partas contra os romanos, que em sua parcela são de judeus convertidos, ou a participação de outros povos orientais. Apesar da vitória dos romanos, os judeus eram numerosos no Império Romano e nas províncias orientais. Era preciso dissuadir qualquer nova insurreição (1991: 237-238). Nesse objetivo, no início da Campanha de Vespasiano, Josefo procurou descrever o funcionamento do exército romano. Após uma demorada apresentação, Josefo se justifica,

A minha intenção não foi tanto louvar os Romanos, mas antes consolar quem eles venceram e dissuadir outros que possam ser tentados à revolta. E talvez os leitores cultos que desconheçam este tema possam beneficiar duma descrição da organização do exército romano (BJ. III: 108-109).

Nesse esforço interpretativo, propriamente historiográfico, Josefo empreende uma reflexão ao observar o exército romano e seus feitos, descrevendo maravilhado a disciplina, a ordem, o treino, o equipamento, entre outros elementos militares. O funcionamento do exército é fundamentado na hierarquia, onde “cada soldado emprega diariamente toda a sua energia no treino, como se estivesse em ação” (BJ. III: 73). A forma prioritária de planejamento dos romanos envolve o fortalecimento do acampamento e sua construção por um corpo militar capaz de derrubar florestas ou nivelar colinas em curto espaço de tempo. Os engenhos de artilharia, transportados ou construídos no local, como catapultas e balistas, são detalhadamente abordados, assim como a rotina do acampamento e do campo de batalha. Josefo apresenta de forma minuciosa as couraças, capacetes e armas, tanto da infantaria comum quanto da elite, dos cavaleiros e sua elite. Destaca-se também o dever e a honra dos soldados em morrer pela causa romana, evidenciando não apenas a robustez física, mas também a do espírito, pois o medo faz parte de sua instrução, onde “têm leis que punem com a morte não apenas o abandono das fileiras, como também a menor negligência do dever” (BJ. III: 103).

É possível, nesse contexto, estabelecer ligações na historiografia com o historiador grego Políbio (200 a.C. - 118 a.C.), que não apenas elaborou um relato da Guerra Púnica, mas também, com o propósito de produzir uma história geral, buscou nas origens explicações para os acontecimentos, a fim de compreender o poder de Roma para alcançar suas vitórias. Ao desenvolver um estilo de pesquisa pragmático, que envolvia a leitura e a comparação de fontes escritas, análise geográfica e estudo das ações políticas, Políbio destacou-se por sua análise da constituição romana como parte essencial de sua historiografia. Ele via sua obra como um tratado sobre modelos constitucionais, um manual para oficiais do exército e um guia para políticos, especialmente em questões diplomáticas. A análise da constituição romana desempenhou um papel significativo em suas narrativas, pois ele acreditava que a estrutura política era crucial para o sucesso de Roma.

Em Josefo, a noção é semelhante, quando ele explica o ordenamento militar do exército romano. Ao utilizar a mesma temática de Políbio, ao considerar os méritos de Roma, principalmente pela organização e disciplina militar romana. Além disso, há a ideia de reconhecer o poder de Roma como invicto e a Fortuna, que possibilitou o triunfo expansionista e belicista. Como Políbio, Josefo mostra como é equivocada e irracional lutar uma guerra contra Roma, ao compreender a proporção do poder dos romanos.

Flávio Josefo também compartilha semelhanças com a visão de Tácito ao relatar a guerra com a estimativa da vitória iminente de Roma. Segundo Momigliano (2004: 167), Tácito sugere que qualquer confronto iniciado contra os romanos inevitavelmente levaria à derrota, baseando-se em pesquisa e informações relevantes para sustentar essa perspectiva. Tácito tinha como objetivo central em sua narrativa a análise do governo romano, com foco na vida política, no Senado e no aspecto militar. Ele contribuiu para uma “nova cultura política” que substituiu o modelo centrado na res publica (república) por outro centrado na casa imperial (Joly, 2010: 75).

Inicialmente como comandante, Josefo obteve informações sobre os eventos em Jerusalém. No período em que ficou cativo, é provável que tenha tido a oportunidade de produzir notas para um futuro relato da guerra; a narrativa da tomada de Jotapata, por exemplo, pode estar repleta de anotações recentes, provavelmente feitas pouco tempo depois do acontecimento. Dessa forma, durante o desenvolvimento do conflito, Josefo registrava previamente os eventos. Além disso, teve à sua disposição diversos relatórios romanos, obtidos nos acampamentos e, mais tarde, acesso aos arquivos imperiais em Roma.

O acesso às documentações proporcionava a Josefo um instrumento para garantir a veracidade histórica. Desde sua chegada a Roma, Josefo tornou-se pensionista imperial e teve acesso aos arquivos militares da campanha. Hadas-Lebel destaca que essa utilização de fontes romanas atribuiu a Josefo uma “complacência excessiva” aos romanos (1991: 147).

Durante aproximadamente seis meses, Josefo esteve diariamente junto a Tito, enquanto este se preparava para a tomada de Jerusalém. O trajeto seguido por Tito é relatado de maneira significativa pela alta precisão dos fatos. Isso se deve às condições de Josefo no contexto, ao estar recém-libertado e pela amizade que estabeleceu com Tito, novo comandante de guerra e futuro imperador, o que permitiu que ele se tornasse um observador mais participativo e presente em “conversas correntes nos círculos militares” (BJ. IV: 601).

Na estrutura da obra, os discursos de personagens do contexto da Guerra adquirem uma relevância significativa. Trata-se de um efetivo método literário tradicional da historiografia greco-romana, sem o qual, segundo Degan, “Josefo não conseguiria evidenciar plenamente o sentido de sua história” (2010, p. 28), ao se limitar à descrição dos fatos. Os discursos possibilitam atingir uma interpretação mais profunda, ao entender, por meio do raciocínio dos indivíduos, a realização de seus feitos.

Segundo Degan, Josefo incorporou uma herança historiográfica da tradição épica por meio dos discursos, revelando seus julgamentos aos leitores. Esse método foi útil para “estabelecer constantes comparações entre romanos e judeus”, posicionando esses discursos nos “momentos cruciais da Guerra” para destacar as contradições entre judeus e romanos, demonstrar a “superioridade romana diante dos povos dominados” ou expressar as “peculiaridades judaicas” em relação à sua identidade. Além disso, os discursos eram “o momento em que Josefo manifestava suas opiniões” (Degan, 2010: 29).

Flávio Josefo, com o intuito de transmitir as sensações vividas durante as calamidades da Guerra, segue em sua narrativa, no estilo da tragédia, uma tendência da historiografia grega, como a descrição da peste de Atenas por Tucídides. Ele apresenta eventos sensíveis e de grande sofrimento decorrentes da Guerra. Seu relato reflete uma mistura de ódio implacável pelos líderes rebeldes e compaixão desvairada pela população civil, que ele considera vítima. Um exemplo dramático desse relato está a seguir:

Miserável era a refeição, lamentável o espetáculo: os mais fortes tiravam mais do que o seu justo quinhão, os fracos choramingavam. A fome sobrepõe-se a todas as emoções, mas o que ela mais destrói é a vergonha. O que noutros tempos seria respeitado passa a ser tratado com desprezo. As mulheres roubavam a comida aos maridos, os filhos aos pais e - na mais lastimosa das cenas - as mães das próprias bocas dos bebês, roubando-lhes sem escrúpulos as migalhas da vida enquanto os seus mais queridos definhavam nos seus braços (BJ. V: 429-430).

Josefo retrata circunstâncias terríveis, como cadáveres empilhados nas estradas da cidade e famílias inteiras mortas em suas casas devido à fome, entre outros eventos desastrosos e tristes que refletem uma típica tragédia resultante da guerra, sendo a morte o elemento significativo que determina o estilo trágico. Assim como nas antigas tragédias gregas, essa obra destaca sua grande importância ao representar manifestações bélicas, permitindo aos leitores visualizar o processo que levou às mortes em massa.

Os sete livros seguem uma função epistemológica, há uma ordenação lógica dos eventos cronológicos. Os acontecimentos são detalhadamente relatados ao longo da narrativa de maneira cronológica, organizando a obra de forma lógica, desde o início até o fim da Guerra. Para isso, Josefo estabelece pontos específicos para marcar os desenvolvimentos dos eventos, criando assim um registro histórico sólido. Ele descreve as estratégias e movimentos militares das diferentes facções envolvidas em uma ordem sequencial, relatando os cercos das cidades e fortalezas com base na duração temporal. A narrativa é guiada por segmentos ordenados dos acontecimentos, alinhando-se ao propósito de Josefo de relatar os fatos da Guerra, seguindo uma noção comum entre os judeus e métodos

helenísticos, como Demétrio, o cronógrafo, historiador analista do século III a.C. que fundamentou cronologicamente sua obra para transpor a história de seu povo para os cânones historiográficos e cronográficos gregos, visando demonstrar a antiguidade e a coerência interna de suas bases de escrita (Andrei, 1989: 254-255).

Josefo, reconheceu a importância crucial dos detalhes geográficos para situar os eventos e facilitar a compreensão dos leitores. A relevância dos detalhes geográficos é essencial para uma compreensão mais abrangente, tanto do contexto histórico quanto das estratégias militares adotadas. Ao destacar a geografia da Judeia e das áreas circundantes, Josefo atribui sentido aos movimentos das tropas, às táticas de cerco e defesa, e proporciona aos leitores uma compreensão mais profunda da topografia do território que foi palco dos conflitos. Esta meticulosa descrição geográfica não apenas amplia a visualização dos eventos, mas também fundamenta a autenticidade e a credibilidade da narrativa histórica, em linha com a abordagem de Tucídides, que ao impor limitações geográficas e cronológicas rigorosas ao escopo de sua obra, acreditava que poderia contar com a confiança de seus leitores (Momigliano, 2004: 70).

Ao descrever a Palestina e outros territórios, como Galileia, Judeia e províncias como Samaria, Josefo teoricamente divide as regiões, delineando suas fronteiras, cidades e domínios. Ele harmoniza as belezas e dádivas dos lugares, como a fertilidade da terra, a abundância de pastagens e a produção variada de árvores, impulsionando a agricultura. A descrição geográfica proporciona uma visualização mais intuitiva das batalhas, mostrando as dificuldades e peculiaridades de cada região. Na conquista da cidade de Joaze, por exemplo, os leitores podem visualizar o local, com a cidade terminando em uma costa acidentada, com penhascos íngremes e recifes que se estendem pelo mar. Quando Tito desce até o lago de Genesaré para construir jangadas e perseguir os fugitivos, Josefo descreve com maestria o lago, suas dimensões, águas doces e propriedades para beber, apresentando detalhes sobre a variedade de peixes, a diversidade da bacia, árvores, clima e outras características naturais do território.

Josefo frequentemente delineava as características geográficas das cidades, fortalezas e regiões envolvidas na guerra, detalhando suas localizações e os recursos naturais que impactavam as táticas de cerco e defesa. Ele oferecia informações sobre a topografia, contribuindo para a compreensão das estratégias militares e dos deslocamentos das tropas. Destacou a geografia de locais significativos, como o Templo de Jerusalém, o Monte das Oliveiras e outros pontos religiosos e históricos. Para seguir os

movimentos das legiões romanas, Josefo fornecia detalhes sobre as rotas e a geografia das áreas por onde passavam, demonstrando como a geografia regional influenciava as estratégias de guerra e os desafios enfrentados pelas forças envolvidas.

Compreende-se que a obra *Guerra dos Judeus* foi desenvolvida com uma diversidade de influências, tanto em termos de concepções, estilos, métodos e recursos literários praticados pelo historiador. Essa influência não pode ser plenamente medida pelos historiadores contemporâneos de sua época, assim como pelos historiadores gregos, dos quais Josefo demonstrou grande indiferença. A representatividade de Josefo como historiador foi buscada no passado, seguindo os cânones da historiografia clássica, sendo Tucídides seu principal modelo. Ele apresenta uma “mesma técnica de exposição, com um primeiro livro analisando as causas da guerra, mesma construção da obra como uma tragédia, mesma utilização dos discursos, influência da célebre descrição da peste de Atenas sobre a da fome em Jerusalém” (Hadas-Lebel, 1991: 241). Em Tucídides, Josefo encontra a articulação política em sua narrativa, a habilidade em justificar os acontecimentos, a desproporcionalidade e a racionalidade social em uma revolta. Com Políbio, juntamente com Tácito, observam-se semelhanças em relação à noção de poder e às razões do sucesso romano.

Flávio Josefo produziu uma narrativa com elementos comuns à historiografia greco-romana de seu período, buscando a verdade histórica, criticando historiadores anteriores e explicando sua obra com foco na história do presente. Ele incorporou fundamentações históricas, utilizou discursos, apresentou dados geográficos e abordou aspectos da tragédia. Além das concepções da tradição judaica, como a memória e a cronologia, dividir esses elementos torna-se complexo devido à fusão dessas práticas em sua narrativa e à instabilidade de sua própria identidade. Em suma, Josefo se apropria de elementos antigos, tanto judaicos quanto greco-romanos, de modo a complementar e solidificar sua narrativa, incorporando metodologias greco-romanas, mas mantendo-se vívido como judeu.

c) Providência Divina

Flávio Josefo, além de ser um historiador influenciado pela cultura helenística e pela dominação romana, destacou-se ao incorporar competências específicas da tradição judaica, mantendo fidelidade às tradições sacerdotais e assumindo o papel de profeta. Seu profundo envolvimento com o Judaísmo conferiu a Josefo uma perspectiva histórica

judaica, na qual os acontecimentos eram permeados pela presença divina de YHWH. A notável originalidade de sua narrativa sobre a guerra reside no entrelaçamento entre as tradições judaicas e as concepções gregas.

Josefo inova em sua escrita ao explorar princípios judaicos, especialmente no que diz respeito à Providência Divina. Mesmo escrevendo em grego, conforme observa Degan, Josefo assumiu a responsabilidade de interpretar o Judaísmo para o conhecimento helenístico. Ele “fez uso de uma teoria helenica para animar sua narrativa, mas com um conteúdo completamente judaico, reforçado por sua extrema preocupação com a sobrevivência do Judaísmo dentro do Império Romano” (2016: 41).

A concepção de mundo de Josefo transcende a natureza humana, concentrando-se na Providência. Ele sente a necessidade de atribuir significado à história, buscando compreender o sentido da lamentável Guerra que assolou seu povo. Como destaca Hadas-Lebel (1991: 242), “sua familiaridade com a Torah ensina-lhe que, com efeito, Deus intervém incessantemente nos assuntos humanos. Não à maneira de Nêmesis, da Fortuna ou da fatalidade dos gregos e dos romanos, mas como juiz e um pai”. A Providência Divina orienta sua narrativa ao curso da história e à interpretação dos eventos. Josefo, por meio dos fatos, procura solucionar as problemáticas relacionadas ao surgimento da Guerra, recorrendo a argumentos reflexivos e julgamentos morais.

Para Josefo, a incapacidade dos judeus em compreender as advertências celestes sobre a Guerra conduziu seu povo à ruína. Ao narrar a consumação da tragédia no Livro VI, Josefo destaca como os judeus ignoraram os manifestos que anunciavam sua destruição, inclusive desconsiderando sinais divinos, como a aparição de uma estrela semelhante a uma espada que brilhou no céu de Jerusalém por um ano inteiro. Outros eventos, como a abertura inexplicada da porta oriental do átrio interior, foram interpretados de maneiras divergentes.

Diante dessas circunstâncias, Josefo reflete sobre todos esses presságios e conclui que “Deus se preocupa com o homem e, por meio de toda espécie de sinais premonitórios, mostra ao Seu povo o caminho para se salvar da destruição causada pela loucura e calamidades que ele próprio atrai” (BJ. VI: 310). Como pai, Deus não deseja a morte do pecador, mas o seu arrependimento, e utiliza presságios e diversos sinais como formas de orientação para a salvação. Contudo, na perspectiva de Josefo, como juiz, Deus exerce sua rigorosa justiça, entendendo que nenhuma catástrofe é inexplicável e concluindo que a vitória dos romanos foi resultado da necessidade divina de punir os crimes dos revoltosos.

Ao perceber o inevitável fracasso da revolta, Josefo identificou em Vespasiano um conquistador digno, designado por YHWH para castigar seu povo. Por meio de uma dedução que considerava profética, Josefo concluiu que seu vencedor estava destinado a tornar-se o futuro imperador de Roma. Ao se apresentar diante de Vespasiano na condição de cativo, declarou: “Serás César, Vespasiano, serás imperador - tu e teu filho aqui presente. Assim, acorrenta-me ainda melhor e guarda-me para ti porque tu, César, não és apenas, meu senhor, mas sim da terra, do mar e de toda raça humana” (BJ. III: 401-402). A realização dessas palavras assegurou a Josefo a proteção da dinastia Flaviana. Conforme Hadas-Lebel observa, ao destacar o dever de gratidão de Josefo para com o imperador, a complexidade do historiador da Guerra é evidenciada, ao minimizar a crueldade de alguns comportamentos, atribuir virtudes ao governante ideal e ressaltar a proteção sobrenatural (1991: 243).

Na visão de Josefo, a Fortuna está alinhada com a vontade divina, na qual YHWH se colocou ao lado dos romanos para punir os judeus, assim como no passado esteve ao lado dos babilônios na época de Jeremias. Segundo Josefo, conforme Políbio, a Fortuna posicionou-se a favor dos romanos não apenas no âmbito político, mas também no poder material, acompanhada do poder religioso na punição dos pecados (Nascimento, 2008: 102).

Os tiranos ignoraram a sua própria segurança e desceram voluntariamente das torres, onde nunca poderiam ter sido vencidos pela força, apenas pela fome, enquanto os Romanos, depois de todos os seus esforços contra torres menos poderosas, conquistaram inesperadamente as que eram inexpugnáveis teriam resistido a qualquer máquina de guerra (BJ. VI: 398-400).

Josefo acreditava que, como os eventos posteriormente demonstraram, estavam sob a observação de YHWH (BJ. II: 186). Para ele, a Fortuna promovia onipresentemente seus interesses, e as circunstâncias haviam conspirado majoritariamente a favor de Vespasiano, onde a Divina Providência o auxiliara a conquistar o Império e colocara nas suas mãos a soberania do mundo.

Segundo Hadas-Lebel, “a História, com efeito, repetia-se. Pela segunda vez, o Templo era destruído. A repetição do acontecimento impunha paralelos históricos: então, Roma era a nova Babilônia” (1991: 200). Com o desenrolar dos acontecimentos, Josefo concluiu que YHWH desejava castigar a nação de Israel pela sua geração corrompida, assim como no tempo do profeta Jeremias. Nessa mentalidade, Josefo exortou o povo, mas seus conselhos não surtiaram efeito. Ele recorreu aos discursos, narrando a história da nação e destacando as proezas dos antepassados e as terríveis

guerras que enfrentaram. Josefo pretendia mostrar que não estavam guerreando contra os romanos, mas sim contra Deus.

O nosso povo passou setenta anos na Babilônia sem nunca erguer a cabeça para lutar pela liberdade, até que Ciro lhe concedeu em gratidão a Deus. Sim, foi pela Sua intervenção que eles foram libertados e reconstruíram o Templo do seu Aliado. Em suma, não existe caso nenhum em que os nossos antepassados tenham triunfado pelas armas ou fracassado sem armas sempre que confiaram a sua causa a Deus. Quando ficaram inativos venceram – sendo essa a vontade do seu juiz-, quando combateram foram sempre derrotados (BJ. V: 389-390).

Josefo, por meio de seus discursos, busca advertir seus compatriotas, apresentando lições do passado de seus antepassados em períodos de guerra. Ele enfatiza que, como judeus, não deveriam empreender uma guerra sem antes considerar a vontade de Deus. Segundo Samuel Nascimento, “quando uma nação perdia uma guerra, era o seu deus ou deuses que tinham perdido para os deuses da nação vencedora”. Porém como judeu, para Flávio Josefo, “se a nação perdesse uma guerra, era porque os judeus estavam em pecado ou não deveriam fazer aquela guerra” (2008: 105).

Os eventos históricos sucessivos na obra refletem em Josefo a combinação da vontade de YHWH e a liberdade do homem em suas decisões. Dessa forma, ele segue um padrão deuteronomico nos termos da tradição judaica, ao associar a “cadeia de acontecimentos do pecado/punição/arrependimento/redenção, com as estruturas greco-romanas da tradição histórica, funcionando como um elemento profundamente original” (Degan, 2016: 41-42).

Portanto, o conjunto da obra *Guerra dos Judeus* pode ser considerado original por expandir a coletânea da história helênica, ao escrever a história dentro do gênero estabelecido pelos gregos e aprofundar reflexões provocadas pelas dificuldades vividas pelos judeus. “Era preciso escrever como um grego, mas pensar como um fariseu” (Degan, 2016: 306). Segundo Degan, no desenvolvimento de sua obra, “sua teoria foi helenizada na forma e apresentação, foi judaica na essência, pois aceitou a onipotência divina nos arranjos das nações, atento ao peso do julgamento de YHWH. Josefo foi um providencialista” (2010: 308). Enfim, sua visão providencialista é o aspecto principal que diferencia Josefo não apenas como um historiador com atribuições às modalidades greco-romanas da historiografia, mas como um escritor judeu que carrega consigo princípios e valores do Judaísmo em seu entendimento sobre a escrita histórica.

Conclusão

As múltiplas formas de expressão utilizadas pelos povos na Antiguidade para registrar eventos históricos derivam de suas tradições, através das quais as historiografias mais concretas se manifestaram. O marco de inovação, originado dos gregos, surge de uma extensa tradição literária, enquanto os romanos incorporam esses elementos em seu padrão histórico. No Oriente Próximo, Israel destaca-se por apresentar uma tradição milenar na composição historiográfica. Pode-se afirmar que os moldes historiográficos delineados nesta pesquisa são desenvolvidos em virtude das tradições.

Observa-se que, mesmo com a diversidade de estilos na escrita histórica, há um senso natural que permeia as tradições na Antiguidade. O instinto humano de preservar os eventos passados, a verdade histórica e as lições para as próximas gerações resulta na produção de obras significativas. O senso de responsabilidade pela escrita, a preservação e o domínio da memória contra a barreira do esquecimento possibilitaram à narrativa histórica desempenhar um papel fundamental na transmissão de princípios culturais, na reflexão sobre a natureza humana e na construção da moralidade cívica.

A narrativa intelectual testemunhada por Flávio Josefo é acompanhada de elementos decorrentes da interação cultural entre as concepções judaicas da história e a historiografia helenística. Seus métodos históricos são consultados nas tradições antigas de seu tempo. Em um Oriente helenizado, Josefo corresponde aos modelos clássicos adotados pelos gregos, aplicando a experiência judaica ao utilizar a língua grega e adaptando-se aos elementos culturais do helenismo. Sob a dominação romana, ele se coloca em posições de reivindicações imperiais. E como judeu, sua consciência de fé em meio a um contexto conflituoso é inevitável, construindo, assim, em sua narrativa, uma fusão gradual entre as tradições dos antepassados do povo judeu e as tradições helênicas, sob a soberania do Império Romano.

A identidade de Flávio Josefo como judeu e sua cidadania romana tornam-se a base importante para analisar a relação judaico-romana no século I d.C. Ao manter-se fiel à sua etnia de origem e preservar sua identidade como judeu, sua estadia em Roma e a relação com os Flávios como patronos levam Josefo a inclinar seu interesse em direção à história romana.

Entende-se que Josefo se revela um historiador importante da Antiguidade, contribuindo para o estudo da Judeia sob domínio romano,

para a história de Israel e para uma análise mais específica sobre Roma. A obra *Guerra dos Judeus* retrata um evento marcante na história de Israel, a destruição do Templo de Jerusalém, e o ápice da resistência judaica contra o domínio romano na Judeia. Além disso, é a fonte literária mais abrangente sobre esse período. Pode-se afirmar que Josefo alcançou seu objetivo primordial de ser o historiador oficial da Guerra entre judeus e romanos.

Neste aspecto podemos perceber que a escrita de Flávio Josefo se sujeita a princípio da literatura greco-romana, ao adotar o grego como idioma, reforçando a incorporação da cultura helenística; outrora, como uma retratação da Diáspora, desenvolveu uma valorização do judaísmo através dos modelos do pensamento grego.

Fonte Antiga

JOSEFO, Flávio. *A Guerra dos Judeus*. História da Guerra entre Judeus e Romanos. Tradução de Miguel Mata. 3.ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2021.

JOSEPHUS, Flavius. *The Jewish War: Books I-III*. Tradução de H. St. J. Thackeray. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927. (Loeb Classical Library).

JOSEPHUS, Flavius. *The Jewish War: Books IV-VII*. Tradução de H. St. J. Thackeray. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928. (Loeb Classical Library).

Referências bibliográficas

ANDREI, Osvalda. *Per una definizione del sistema di Demetrio (LXX) Exd. 12.40 e la cronologia dei figli di Giacobbe*. Università di Siena, 1989.

ARENDT, Hannah. O conceito de história antigo e moderno. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BARON, Salo W. *História e Historiografia do Povo judeu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. CPAD, Rio de Janeiro, 1995.

COLINGWOOD, R. G. *A ideia de História*. Editorial Presença, Lisboa, 1994.

DEGAN, Alex. *As lágrimas e o historiador: uma leitura de Guerra Judaica*. International Journal of Theory and History of Historiography. Vol. 3, n. 5, Porto Alegre, 2010.

_____. *Josefo Exegeta: História e memória*. Revista de História, n. 162, 2010.

_____. *Josefo revisitado: interpretações historiográficas da obra de Flávio Josefo*. Politeia: História e Sociedade. Vitória da Conquista, v.16, n.1, 2016.

HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo: o judeu de Roma*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. 1. ed., 1. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

IBÁÑEZ, Jesús-María Nieto. *História y mito en los últimos historiadores greco-judíos*. Universidad de León, 1995.

JOLY, Fábio Duarte. Tácito e o império romano. *Revista de História*, p. 69-78, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História. In: KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 119-184.

MEIER, Christian. Antiguidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 41-62.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: EDUSC, 2004.

_____. *Os limites da helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991.

NASCIMENTO, Samuel Martins. *A concepção de História em Flávio Josefo. O judeu de Roma*. UFM, Maringá, 2008.

NASER, Ayub. *Entre os filhos de Abraão: as interações historiográficas entre árabes e judeus no medievo a partir da releitura da história de Josefo/Josippon pelos historiadores árabes como ênfase no Kitab al-Ibar de Ibn Khaldun*. Brasília: UNB, 2015.

ROCHA, Ivan Esperança. *Flávio Josefo: uma historiografia crítica-etnocêntrica*. SIELO-EDUEM, 2016.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: história judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro. Imago, 1992.